

Levar a ler em lugares distantes: os limites e as possibilidades de instituir uma biblioteca em uma comunidade quilombola

Santos, Jamile Castro dos ¹

Santos, Zair Henrique ²

Oliveira, Luanna Cardoso ³

RESUMO

Neste artigo relata-se os resultados parciais de um projeto que desenvolvi durante a graduação em Letras - Português no quilombo Saracura/Santarém-PA, teve como objetivo levar a ler por meio da construção de uma biblioteca em uma comunidade quilombola, buscando e articulando atividades de leitura com os alunos, funcionários da Escola Nossa Senhora do Livramento e demais comunitários. Adotou-se como metodologia a pesquisa-ação, por ser um método flexível, podendo as ações sofrerem alterações constantes. Utilizamos como apoio teórico: Britto (2003, 2015); Candido (2011); Castrillón (2011); Chauí (2009) e Santos (2016). Os resultados apontam a organização e adaptação de um espaço de leitura para a biblioteca como uma das possibilidades de levar a ler. No entanto, destaca-se a dificuldade de envolver com mais profundidade a comunidade e o corpo docente ao projeto como um dos desafios para o êxito da pesquisa-ação e permanência do lugar de ler.

Palavras-chave: leitura; literatura; lugares distantes; quilombo Saracura.

Taking reading to distant places: the limits and possibilities of establishing a library in a quilombola community

ABSTRACT

This article reports the partial results of a project that I developed during my degree course in Portuguese Language. I aimed to encourage reading habits

¹ Universidade Federal do Oeste do Pará. Professora da rede municipal de Santarém, região de várzea. Email: jamile253santos@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4523716536969066>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9085-9158>.

² Universidade Federal do Oeste do Pará. Professor titular da Universidade Federal do Oeste do Pará. Email: zair-santos@bol.com.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0337926418959819>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9798-7478>.

³ Universidade Federal do Oeste do Pará. Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação na Amazônia (PGEDA/Ufopa). Email: luanna.ufopa@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1964272226375101>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0118-422X>.

through the construction of a library in a Quilombola community, articulating reading activities with students and employees of Nossa Senhora do Livramento School. I used the support of authors such as Britto (2003, 2015); Candido (2011); Castrillon (2011); Chauí (2009) and Santos (2016) and adopted action-research as a methodology, as it is a flexible method, allowing actions and the development to undergo constant changes. I achieved the organization and adaptation of the physical space in the library, one of the possibilities to increase the habit of reading. However, there were difficulties with involving the community and the teaching staff in the project in greater depth, which I highlight as a challenge for the success of this project and the permanence of the place of reading.

Keywords: reading; literature; distant place; quilombo Saracura.

Llevar la lectura a lugares lejanos: los límites y posibilidades de establecer una biblioteca en una comunidad quilombola

RESUMEN

Este artículo relata los resultados parciales de un proyecto que desarrollé en el Quilombo Saracura. El estudio tuvo como objetivo incentivar la lectura a través de la construcción de una biblioteca en una comunidad quilombola, buscando y articulando actividades de lectura con estudiantes, y empleados de la Escuela Nossa Senhora do Livramento. Adopté como metodología la investigación-acción, ya que es un método flexible, que permite que las acciones y el desarrollo sufran cambios constantes. Utilicé autores como Britto (2003, 2015); Cândido (2011); Castrillón (2011); Chauí (2009) y Santos (2016). Los resultados incluyen la organización y adecuación del espacio físico en la biblioteca como una de las posibilidades para incrementar el hábito de la lectura. Encontré dificultades en el tema de involucrar más profundamente a la comunidad y al cuerpo docente en el proyecto, uno de los desafíos para el éxito de este proyecto y la permanencia del lugar de lectura.

Palabras clave: lectura; literatura; lugares lejanos; quilombo Saracura.

INTRODUÇÃO

Este artigo é resultado de um projeto de extensão da Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa) desenvolvido durante a graduação, busquei



REVISTA
interterritórios

Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.9 N.18 e258131 [2023]
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2023.258131>

desenvolver uma pesquisa-ação junto com os comunitários, alunos e funcionários da escola do Saracura, através da construção de um lugar que permitisse o acesso aos elementos da cultura letrada, ou seja, a biblioteca e como uma forma de dar um retorno social do conhecimento adquirido na universidade para o meu quilombo. Todavia, o alcance a esse objetivo se demonstrou difícil, não conseguimos construir uma biblioteca, tão pouco concretizar as ações de leituras. Diante disso, o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado *Levar a ler em lugares distantes: os limites e as possibilidades de instituir uma biblioteca em uma comunidade quilombola* surgiu da necessidade de refletir sobre as ações realizadas no decorrer da vigência do projeto de extensão: *Levar a ler em lugares distantes: criação de uma biblioteca na comunidade quilombola Saracura*, desenvolvido por quase quatro anos na Escola Nossa Senhora do Livramento, do quilombo Saracura, no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Extensão – Pibex/Ufopa.

O estudo está vinculado ao Grupo de Pesquisa, Estudos e Intervenção em Leitura, Escrita e Literatura na Escola - Lelit, da Universidade Federal do Oeste do Pará - Ufopa. É um dos mais de 12 projetos realizados por uma das linhas de atuação do Lelit, denominada *Entre o compromisso e a realidade: levar a ler em lugares distantes*, que desenvolve ações no campo da literatura infantil e juvenil, leitura em educação escolar, intervenções e revitalização ou construção de bibliotecas em escolas do interior amazônico.

Levar a ler em lugares distantes é entendido como um processo difícil, levando em conta a essência do trabalho coletivo com a proposta de construir uma biblioteca como embrião fundamental para aproximar-se dos conhecimentos científicos, filosóficos, literários, dos elementos históricos culturais que a humanidade produziu ao longo dos anos e que ainda ficam reservados a um número muito reduzido de pessoas.

Assim, partindo do pressuposto de que ler é uma atividade humana a qual todos deveriam ter direito, levar a ler se constitui como um projeto político pedagógico que tenta, mais que instalar lugares de ler, viabilizar possíveis momentos “para o encontro, para o debate sobre os temas que dizem respeito a maiorias e minorias” (CASTRILLÓN, 2011, p. 36), de encontro com o outro, consigo mesmo, indagando sobre o que se ler, refletindo sobre a vida, as coisas, de forma a possibilitar uma visão mais crítica e atenta frente à realidade circundante.

Diferentemente de outros projetos, enfatiza-se que as ações desta pesquisa-ação foram e estão sendo mediadas por alguém do próprio quilombo (digo isto porque a pesquisa continua), pois ao mesmo tempo que investigo e

intervenho, participo também como pesquisado buscando parcerias junto aos moradores, funcionários da Escola Nossa Senhora do Livramento (inclui-se desde o vigia ao gestor escolar), alunos e demais jovens do lugar. Desse modo, este trabalho tem por objetivo refletir sobre os caminhos percorridos em torno da construção de uma biblioteca, elencando os limites que se impuseram ao longo deste processo, bem como as possibilidades de organizar esse espaço em um lugar geograficamente, socialmente e economicamente distante. Portanto, para o desenvolvimento da pesquisa adotou-se como método investigativo a pesquisa-ação, baseada em Franco (2005; 2016), Thiollent e Silva (2007), que tem como princípio a ação entre pesquisador e pesquisados na busca pela resolução de um problema detectado.

Este artigo segue organizado da seguinte forma: no primeiro tópico caracterizo o local e apresento um breve histórico educacional da pesquisadora enquanto quilombola, logo após conceituo o que é levar a ler em lugares distantes, para isto, recorro a alguns teóricos que abordam o ato de ler como atividade humana. No segundo momento apresento um pouco sobre o método de pesquisa e algumas estratégias metodológicas utilizadas. No terceiro momento discorro sobre as atividades realizadas e destaco como resultado desse período a adaptação de um espaço de ler para a biblioteca. E no último tópico faço as considerações finais, ressaltando que esta pesquisa não termina com a defesa de Trabalho de Conclusão de Curso, mas está sendo melhorada, pensada coletivamente e, inclusive, esta proposta de levar a ler foi incluída no Projeto Político Pedagógico da escola Nossa Senhora do Livramento o que consideramos um resultado e passo significativo para a pesquisa, ademais essa investigação se sucederá na Pós-graduação porque fui aprovada para cursar o Mestrado Acadêmico em Educação na Ufopa esse ano de 2023.

Caracterizando o lócus da pesquisa

Os quilombos surgem a partir do processo de fuga dos negros escravizados, que saíam, em períodos de festas, principalmente no inverno, em busca de um lugar para se esconder de todas as situações desumanas a que eram submetidos nas grandes fazendas do Baixo Amazonas. Deste modo:

Falar em comunidades negras, remanescentes de quilombos, no Baixo Amazonas, no Estado do Pará é remeter a uma história marcada por conflitos, resistências de cativos que romperam com a sua condição social ao fugirem dos cacoais, das fazendas de criar, das propriedades dos senhores de Óbidos, Santarém, Alenquer e, mesmo, de Belém e outros centros urbanos (FUNES, 2005, p. 2).



Todos os mocambos têm identidades e organizações próprias, com “um sistema de produção particular (incluem-se aí as formas específicas de exploração e relacionamento com a terra)” (FUNES, 2006, p. 37). O quilombo Saracura não é diferente, está localizado às margens do rio Amazonas, dista, aproximadamente, 1h30 (depende da embarcação) da cidade de Santarém, PA, mas encontra apartado dos elementos da cultura letrada. Moram no lugar, aproximadamente, 160 famílias que se autodeclaram quilombolas. Essas famílias sobrevivem, basicamente, da agricultura familiar: do plantio da melancia, jerimum (conhecido como abóbora em algumas regiões), milho; da criação de pequenos animais e da pesca.

Assim como os demais quilombos, Saracura possui algumas lideranças e entidades responsáveis pelo bem-estar dos moradores, como a Associação Comunitária dos Remanescentes de Quilombo de Saracura (ACREQSARA), fundada em 27 de julho de 2001, mensalmente são realizadas assembleias que visam traçar estratégias para o melhor desenvolvimento, organização e busca de políticas públicas sociais e direitos para o quilombo. Além disso, um dos cargos significativos também no local é a presidência da comunidade, onde várias pessoas tanto mulheres como homens do quilombo já ocuparam esse cargo fundamental, desafiador e um tanto perigoso, tendo em vista a luta contra os grandes fazendeiros e empreendimentos que podem apresentar risco à vida na comunidade. Destaca-se ainda que as mulheres são as principais protagonistas na busca por direitos e demais políticas para o lugar.

Além do mais, Saracura ainda não tem o título definitivo de terra, é somente reconhecida desde 04 de março de 2004 pela Fundação Cultural Palmares como Remanescente das Comunidades dos Quilombos. Desse modo, o Estatuto que rege algumas normas da comunidade estabelece que “as terras de propriedade da Associação deverão ser utilizadas pelos associados para sua subsistência de forma autossustentável, garantindo a preservação do meio ambiente” (ESTATUTO DA ASSOCIAÇÃO DA COMUNIDADE REMANESCENTE DE QUILOMBOS – ACREQSARA).

Considera-se quilombola no Saracura quem nasceu, vive há bastante tempo no lugar e deseja contribuir com o desenvolvimento do quilombo. De acordo com o Estatuto da comunidade são requisitos para ser sócio da associação:

- I- Os indivíduos que integrem tradicionalmente e/ou vierem a integrar o território de remanescentes de quilombos de Saracura, com o prazo mínimo de dois anos de permanência.
- II- Os indivíduos que tenha no mínimo dezesesseis anos;
- III- A Assembleia Geral é quem decide a entrada de novos sócios.
- IV- Os indivíduos deverão participar de três reuniões consecutivas.

Há na comunidade apenas a Escola Nossa Senhora do Livramento (local onde tentamos organizar a biblioteca), com estrutura de madeira (a antiga era de alvenaria e em 2019 caiu um dos pavilhões, o que obrigou a prefeitura de Santarém construir outra depois de quase dois anos desse ocorrido), e recentemente foi (re) inaugurada, funcionam no lugar desde turmas do pré - I ao 9º ano do ensino fundamental e anexo turmas do ensino médio modular, ao todo somam 172 alunos estudando na instituição. A maioria do corpo docente da escola é composto por profissionais do próprio quilombo, a formação de quase a metade dos professores é oriunda de Ensino a Distância (EAD). No mais, ainda é visível a educação informal (tem como princípio os conhecimentos empíricos) no local, por meio dos ensinamentos dados a partir de histórias orais de lutas e vitórias contadas pelos mais velhos que buscam, além de nos ensinar sobre a vida, manter vivo esse saber que contribui para preservar a comunidade como um todo.

No que tange à educação formal (tem como centro a escola), Saracura tem, em parte, singularidades respeitadas, o calendário escolar é diferente do urbano por conta da cheia que inunda a comunidade⁴, especificamente, nos meses de abril, maio, junho e julho, nesse último mês a água começa a “vazar” (vocabulário utilizado na comunidade para fazer referência ao período em que água baixa e a terra aparece novamente). Desse modo, durante o inverno (cheia) os moradores não podem plantar sendo a pesca a principal fonte de renda e sobrevivência nesse período, uma vez que a locomoção só pode ser feita por meio de pequenas embarcações, como canoas e bajaranas⁵.

Do mesmo modo que a maioria dos alunos das escolas no interior da Amazônia, os alunos de Saracura ainda não possuem uma educação formal de qualidade e diferenciada na prática, uma educação que busque a

⁴ Por conta desse período em que inunda a comunidade, as casas (feitas de madeira) possuem assoalho (piso) elevado a certa altura a fim de evitar que a água o alcance. Apesar disso, algumas famílias preferem, como são meses de férias, passar esses meses em Santarém, centro urbano mais próximo da comunidade.

⁵ São embarcações de pequeno porte feitas de madeira e facilitam o trânsito rápido das pessoas nas comunidades e para outros locais também.

emancipação, que possibilite aos quilombolas o protagonismo, compreensão sobre a sua realidade, que procure potencializar o desenvolvimento intelectual, cultural, político e outros, que permita compreender sua existência em uma sociedade que a todo momento tenta apagar e estereotipar sua cultura e identidade.

Digo isto porque sou do quilombo e, a partir do meu acesso à graduação e das discussões sobre a realidade educacional no interior Amazônico, percebi que minha formação primária, assim como a dos demais alunos do Saracura, perpassa por todo um processo educacional que considero, em parte, difícil e precário. Estudei o ensino Fundamental e Ensino Médio na comunidade, o que me possibilitou a conclusão dessas etapas. No entanto, esse processo foi rarefeito: a escola era feita de alvenaria, o que já não valorizava as especificidades do local; não dispunha de biblioteca (havia livros, mas não existia medição para a leitura); sala de informática e outros recursos que são essenciais para um ensino aprendizado transformador.

Não lembro de nenhum professor lendo um livro de literatura em sala de aula, se não os textos fragmentados dos livros didáticos em que a turma toda lia uma parte. Assim, é evidente que não tive uma infância leitora, mas recordo de ter lido algumas histórias dos livros didáticos, já que tinham muitos em casa, principalmente as que continham no livro de Língua Portuguesa, como a adaptação da lenda de Teseu e o Minotauro. Além disso, li parte de algumas obras clássicas que estavam em casa, como *O Pequeno Príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry, *A Ilha do tesouro*, de Robert Louis Stevenson, adaptações da coleção *Literatura em Minha Casa* e o livro de crônicas *O tubarão com a faca nas costas*, de Cézar Dias, da coleção *Literatura para Todos*.

No Ensino Médio, alguns professores comentavam sobre obras literárias, contudo, não tínhamos acesso e líamos fragmentos que estavam nos livros didáticos. O ensino funcionava por módulos e as aulas aconteciam em barracões da comunidade e quando chovia sempre era difícil, tendo em vista que molhava todo o espaço onde ficávamos. Atualmente, há salas de aulas reservadas para os alunos do ensino médio, o que demonstra alguns avanços. Contudo, embora essa realidade educacional do ensino médio tenha mudado no Saracura, não avançamos muito no que diz respeito a qualidade da educação no geral, principalmente, após um período pandêmico, onde a desigualdade social e o déficit educacional aumentaram absurdamente. Acresce também as péssimas estruturas das instituições educacionais. Há escolas sendo somente inaugurada e ganhando cor de partido governamental, mas sem o mínimo de estrutura para uma educação transformadora, perpetuando assim, o abandono por parte do poder público e a fragilidade do

ensino. Não obstante, Saracura ficou mais de um ano sem escola, pois a que tinha caiu em 2019 por falta de reforma, como mencionado anteriormente. Os alunos estudavam em barracões e os professores se esforçando para trabalhar em um único espaço com várias turmas. A nova escola foi inaugurada em 2021, no entanto, ainda se percebe a fragilidade educacional.

Apesar de o quilombo não estar tão distante geograficamente de Santarém e as pessoas do lugar transitarem com frequência até a cidade, percebe-se que ainda estamos a margem de direitos constitucionais imprescindíveis para a existência humana: água potável, energia elétrica, posto de saúde e, sobretudo, uma educação de qualidade.

Segundo Santos (2016), autor que estuda o conceito sobre “lugares distantes”:

Os problemas das grandes distâncias territoriais, negação dos direitos básicos à população, conflitos étnicos e territoriais colaboram para uma menor circulação no Oeste do Pará de cultura erudita (cultura formal escrita). O que circula é a cultura de massa, através dos meios eletrônicos. Isto não quer dizer que não existam livros na região, aliás, encontram-se milhares nas escolas, nas salas de diretoria das escolas, muitos livros de boa qualidade, desorganizados e acumulados em outros espaços das escolas públicas. Porém, não há preocupação com programas sólidos de promoção de leitura que levem formação aos professores, bibliotecários e a comunidade escolar. Assim, a cultura de base da maioria da população amazônica não consegue dialogar com a cultura erudita própria das classes hegemônicas (p. 57).

Diante do exposto, e de igual maneira, se faz essencial nas circunstâncias da sociedade atual o acesso aos bens culturais e a promoção de uma educação antirracista, que possibilite os quilombolas a quebrarem estereótipos, a serem os próprios protagonistas de suas histórias, compreendendo sua realidade, situando-se e intervindo nela.

O que é levar a ler em lugares distantes?

Primeiramente o que se entende por leitura?

O ato de ler, desde muito tempo, tem gerado algumas contradições em torno de seu significado. Alguns pesquisadores, teóricos do campo propagam

como uma atividade prazerosa, que não exige esforço, fácil, basta querer ler, um indivíduo se tornará leitor ou encontrará uma certa felicidade no texto lido.

Esses discursos hedonistas sobre leitura não fazem muito sentido, ainda mais se levarmos em consideração a realidade e a forma como as pessoas participam da cultura. Principalmente, porque uma parte da sociedade está totalmente excluída do básico para sua existência.

Recentemente vivemos momentos, ou melhor, mais de um ano durante a pandemia do covid-19 presenciando o aumento da acumulação de riquezas nas mãos de poucos e a extrema pobreza para muitos brasileiros. Enquanto uns tinham e tem onde dormir e o que comer, outros sequer tem uma refeição diária.

A essa hora o leitor deve se estar se perguntando: mas o que isso tem a ver com leitura? Eu diria que tudo. Principalmente, quando se trata de como e quem pode ter acesso à essa prática social, tendo em vista que “o excluído de fato da leitura não é o sujeito que sabe ler e não gosta de romance, mas o mesmo sujeito que, no Brasil atual, não tem terra, não tem emprego, não tem habitação” (BRITTO, 2015, p. 83). Logo, o discurso de que ler é bom e que salva as pessoas das mazelas não é cabível em uma sociedade que não tem capacidade e nem se esforça em resolver problemas básicos para a sobrevivência das pessoas.

Além do mais, ler exige, além das condições objetivas, as condições materiais mínimas para sua efetivação, ou seja, lugar adequado, tempo - o que está cada vez mais escasso na vida do trabalhador que mal consegue ter tempo para sua família, além de demandar certo esforço intelectual e conhecimentos prévios para dialogar com o que texto que se dar a ler, em suma, condições objetivas e subjetivas.

Nesse sentido, a 5ª edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil chama a atenção sobre o percentual de pessoas que não leem porque não possuem essas condições para a leitura. Nesse viés observam que:

Se mais de 40% dos entrevistados informam, na pesquisa, que não leem porque têm dificuldades para compreender o que leem, concluímos que quatro em cada dez brasileiros com mais de 5 anos não dispõem de ferramentas básicas para o acesso ao conhecimento, à aprendizagem e para a transformação da sua situação social (p. 24).

Deste modo, Bértolo (2014) reitera que:

Ler um texto não é tarefa simples, requer competência. Requer atenção, memória, concentração, capacidade de relação e associação, visão espacial, certo domínio do léxico e sintático da língua, conhecimento dos códigos narrativos, paciência, imaginação, pensamento lógico, capacidade para formular hipóteses e construir expectativas, tempo e trabalho. Um texto é um constructo que é preciso desconstruir e reconstruir e isso exige esforço [...] (p. 48).

Mas afinal, o que é leitura?

Ler, em seu conceito básico, significa decodificar e entender códigos linguísticos (BRITTO, 2015). Todavia, será que basta somente decodificar palavras para que de fato ocorra a leitura? Há que ir muito além disso. É imprescindível dar significado social ao que se ler. E isso requer outros conhecimentos, aquele que fazemos e adquirimos ao longo do tempo, os quais irão dialogar de modo a produzir significados no momento da leitura.

Para Martins (1988) o ato de ler não é algo nato ao ser humano, assim como se adquire o “prazer literário”, se aprende ainda a ler. “E aprender a ler significa também aprender a ler o mundo, dar sentido a ele e a nós próprios, o que, mal ou bem, fazemos mesmo sem ser ensinados” (p. 34). Igualmente, Santos (2016) lembra que:

Aprender a ler e a escrever só faz sentido se for para ampliar a intervenção do sujeito no mundo, principalmente pela autoconsciência, que não é só subjetiva e individual. Não é *eu* e *eu*, mas *eu sou eu, neste lugar, com estas pessoas* e reconheço as relações históricas, culturais, políticas envolvidas na sua condição de ser e nas condições de realização do contexto histórico (p. 29).

Bértolo (2014) observa que dar sentido ao texto não é captar aquela velha e conhecida mensagem, que por muito tempo se falou e tem se falado, sobretudo, no ambiente escolar, mas a “mensagem que o texto é”. “O sentido do texto não é algo que se acrescenta ao texto, é, repito, o próprio texto”. (p.48). O autor ressalta que quando lemos um texto ativamos simultaneamente quatro níveis de leitura: o textual, o autobiográfico, o metaliterário e o ideológico.

No nível textual a leitura é entendida como decifração de textos enquanto código linguístico, de modo que ao decifrar um signo o leitor atribua significados frente aquilo que o “texto diz e o que ele diz com este dizer”.

(BÉRTOLO, 2014, p. 48). Já o nível autobiográfico elenca a leitura subjetiva, aquela em que o leitor ao dar sentido ao texto, passa a ler a sua própria vida com suas experiências individuais e seus valores morais. No nível metaliterário o leitor coloca em marcha os seus conhecimentos prévios, onde o seu repertório literário ecoará em outras leituras e possibilitará fazer associações entre si. E por fim, a leitura ideológica se aproxima da autobiográfica, seria aquela em que o leitor leria informações a respeito de seu entorno, de sua visão de mundo e crenças. Dessa maneira:

Ler narrativas é um processo que incorpora a leitura simultânea desses quatro planos, e o seu resultado final depende do jogo de relações que o sujeito leitor mantenha com eles. É necessário, contudo, apontar que esse jogo estará sujeito à conformação concreta de sua "trama leitora", condições prévias à leitura, pois evidentemente a leitura de um texto não se inicia quando se abre o livro, mas muito antes (BÉRTOLO, 2014, p. 58).

Em suma, entende-se que ler não é somente decodificar códigos, é duvidar do que se está lendo, ou seja, é refletir sobre as ideias do autor e se posicionar politicamente diante do texto, produzindo assim nossas contrapalavras. Geraldi (2002) observa que:

Um leitor que não oferece às palavras lidas as suas contrapalavras, recusa a experiência de leitura. É preciso vir carregado de palavras para o diálogo com o texto. E essas palavras que carregamos multiplicam as possibilidades de compreensões do texto (e do mundo) porque são palavras que, sendo nossas, são de outros, e estão dispostas a receber, hospedar e modificar-se face às novas palavras que o texto nos traz (p. 6).

Nesse sentido, levar a ler em lugares distantes ultrapassa concepções ingênuas e redentoras sobre leitura: "ler para passar no vestibular", "ler por prazer", ler é viagem", "ler salva o mundo das mazelas", eleitos, conscientemente ou não, por programas de leitura que propagam o ato de ler como distração, passatempo ou ainda como quem faz boa ação a grupos carentes. "A leitura, ao invés de ser compreendida como prática social, é imaginada como um ato redentor, capaz de salvar o indivíduo da miséria e da ignorância (BRITTO, 2003. p. 99).

Possibilitar meios para refletir sobre nossa existência e o porquê de as coisas serem como são, talvez possa ser um dos efeitos de uma leitura atenta e crítica. Umberto Eco (2001) ressalta que uma das funções da literatura seria

a “educação para o fado e para a morte” (p. 7). Ou seja, imagináramos por meio da história de alegria ou sofrimento de um personagem nossa própria vida, nosso possível destino final.

Mas para que a literatura exerça essa função, há que se abandonar o fazer prático, o entretenimento que passa em nós sem nos tocar, que é passageiro. Viver outra dimensão por meio da leitura requer, nas palavras de Britto (2015) que esqueçamos um pouco a correria do dia a dia, mas não esqueçamos de nós e nem dos problemas da vida, somente “pensar para nada, ler para ser, inventar para viver, sempre a estimular e a incomodar” (p. 57).

Assim sendo, as ações de levar a ler não são ativismos relâmpagos que na mesma velocidade que nascem, desaparecem, mas, um processo permanente de troca de experiências, de conhecimentos, de atividades que tentam transcender o pragmático sobre leitura.

O tema é estudado por Santos (2016), que define o levar a ler como “um valor e, portanto, algo que justifica a intervenção político-pedagógica e cultural” (p. 55). Sobre o lugar distante, Santos (2016) se refere não somente a distância geográfica, mas também e, principalmente a que se estabelece na relação social, que nos aproxima das periferias das grandes cidades, pelo fato de estarmos afastados do acesso à educação de qualidade, saúde, moradia, alimentação adequada, emprego digno, das criações produzidas pela humanidade. No entanto, para as comunidades quilombolas, indígenas e ribeirinhas essa relação se torna mais difícil, pois elas ainda têm sua existência negada por esse sistema que a todo momento objetiva os excluir, que explora, desse modo, a distância se constitui de três formas: a geográfica, das oportunidades e qualidade de vida e das identidades, “o que permite afirmar que estamos triplamente distantes” (OLIVEIRA, 2020, p. 17).

Leitura, literatura e outros conhecimentos são criações históricas, que ao longo dos séculos estiveram e ainda estão reservados a uma camada da população, àquela que detém poder aquisitivo, no entanto, não significa dizer que esses bens culturais sejam restritos a essa classe elitizada. Apropriar-se dos elementos culturais da humanidade, da leitura, “é um direito de todos que, além disso, permite um exercício pleno da democracia” (CASTRILLÓN, 2011, p. 19).

Os indicadores atuais de leitura demonstram que a maioria dos brasileiros ainda não usufruem desse direito, seja porque não têm condições de aquisição, seja pela falta de compreender o que se lê ou até mesmo porque não gosta de ler. Os dados da 5ª edição da pesquisa Retratos da Leitura no

Brasil “são um retrato da exclusão, para a maioria dos brasileiros, dos seus elementares direitos humanos” (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2020, p. 148).

A quinta pesquisa Retratos da Leitura no Brasil revela um número deprimente: nosso país perdeu 4,6 milhões de leitores entre 2015 e 2019. Na quarta edição, período de 2011 a 2015, havíamos acrescido 16,6 milhões de brasileiros e brasileiras ao mundo da leitura. Se em termos percentuais estatísticos o número da perda pode parecer pequeno, quando transformamos as porcentagens em pessoas atingidas podemos entender melhor o alcance do dano (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2020, p. 146).

De acordo com a pesquisa, há vários fatores que contribuem para essa perda de leitores, algumas delas foram citadas no parágrafo anterior, mas a principal causa é “a paralisia e a posterior destruição das políticas públicas de formação de leitores no último quadriênio” (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2020, p. 146).

Nesse sentido, muitos estudiosos, como Castrillón (2011) consideram as bibliotecas como elementos fundamentais para a promoção de leitura e encontro aos demais conhecimentos históricos culturais, mas na conjuntura atual econômica e a falta de políticas públicas no País voltadas para esses espaços, o acesso democrático se tornou ainda mais difícil. A autora enfatiza ainda que “para universalizar o acesso à cultura letrada são necessárias mudanças de ordem econômica, política e social que garantam maior igualdade na distribuição da riqueza e dos avanços do desenvolvimento” (p. 27).

Diante disso, evidencia-se que o direito humano de experimentação e fruição das criações humanas ainda não está e nem tão cedo estará ao alcance de todos, pois é “um direito em disputa, uma possibilidade humana” que, “implica a viabilização da realização plena do ser humano em suas tensões, contradições e desejos, amplitude esta que não é garantida pela ordem econômica, antes, é restringida” (SANTOS, 2016, p. 22). Por que isso acontece?

Chauí (2009) observa que isso não acontece por acaso, pois a classe dominante, especificamente o mercado cultural, dominam estratégias que dificultam esse acesso, isto é:

A indústria cultural vende cultura. Para vendê-la, deve seduzir e agradar o consumidor. Para seduzi-lo e agradá-lo, não pode chocá-lo, provocá-lo, fazê-lo pensar, trazer-lhe informações

novas que o perturbem, mas deve devolver-lhe, com uma aparência, o que ele já sabe, já viu, já fez (CHAUÍ, 2009, p. 36).

A indústria cultural assim como o Estado, taticamente, limita e dificulta o contato a vários direitos, dentre os quais a uma educação de qualidade que vise uma formação humana íntegra e emancipadora e, conseqüentemente à arte. Sendo assim, a classe trabalhadora que mal dispõe de condições financeiras para sobreviver em meio ao sistema extremamente exploratório fica afastada desse direito, restando-lhe apenas a cultura de massa fragmentada, o entretenimento fugaz.

Marilena Chauí (2009) descreve como funciona a cultura de massa ou indústria cultural, como ela determina o que deve ou não ser consumido pelo povo de acordo com sua classe social:

Em primeiro lugar, separa os bens culturais pelo seu suposto valor de mercado: há obras “caras” e “raras”, destinadas aos privilegiados que podem pagar por elas, formando uma elite cultural; e há obras “baratas” e “comuns”, destinadas à massa. Assim, em vez de garantir o mesmo direito de todos à totalidade da produção cultural, a indústria cultural sobredetermina a divisão social acrescentando-lhe a divisão entre elite “cult” e massa “inculta”. Em segundo, contraditoriamente em relação ao primeiro aspecto, cria a ilusão de que todos têm acesso aos mesmos bens culturais, cada um escolhendo livremente o que deseja, como o consumidor num supermercado. No entanto, basta darmos atenção aos horários dos programas de rádio e televisão ou ao que é vendido nas bancas de jornais e revistas para vermos que as empresas de divulgação cultural já selecionaram de antemão o que cada classe e grupo sociais pode e deve ouvir, ver ou ler. Em terceiro lugar, inventa figuras chamadas “espectador médio”, “ouvinte médio” e “leitor médio”, às quais são atribuídas certas capacidades mentais “médias”, certos conhecimentos “médios” e certos gostos “médios”, oferecendo-lhes produtos culturais “médios”. Em quarto lugar, define a cultura como lazer e entretenimento (p. 35-36).

Atualmente há essas quatro formas de atuação da indústria cultural, principalmente porque a televisão também parece ser o produto dessa indústria mais acessado por quase toda a população. Porém, a maioria de seus conteúdos são rasos, dificilmente permite que as pessoas critiquem a realidade, pensem sobre a violência nas suas mais variadas formas, no autoritarismo cruel que tenta calar e sempre tentou intimidar as vozes dos mais

excluídos da sociedade, sobre a riqueza de poucos e condição de miséria e desumanização de muitos. Muito pelo contrário, geralmente esses conteúdos servem para distraí-las, passar o tempo, de modo que esqueçam os reais problemas da sociedade, o que por vezes, acabam reproduzindo ainda mais estereótipos sobre a população negra, quilombola, indígena e ribeirinha.

Por conta disso é que muitos críticos como Britto (2003), contestam o entretenimento oferecido pela cultura de massa, pelo conhecimento passageiro e fácil, que não exige esforço intelectual, que pouco contribui para a formação, para pensar a condição humana, e sim colabora para que as pessoas continuem passivas diante do sistema capitalista alienante. Assim sendo, é importante buscar desenvolver uma educação que permita fazer inter-relações, que possibilite a “reflexão, o autoconhecimento, o conhecimento e a aceitação do outro”. (CASTRILLÓN, 2011, p. 60). Uma formação, de acordo com Candido (2011), para a humanização e superação dessa sociedade.

Contudo, com o tipo de escola e educação que há no Brasil fica difícil a consolidação desses conhecimentos, haja vista que:

O desafio maior da educação escolar está exatamente em ampliar as possibilidades de experiência, desafiando os alunos a “parar para pensar”, “a suspender o automatismo da ação”. Esse movimento de afastamento do imediato e de recusa do deixar-se ir tampouco é algo que se manifesta espontaneamente (BRITTO, 2015a, p. 49).

De tal modo é o ato de ler, principalmente para a classe trabalhadora, não é algo espontâneo e nem pretende ser porque ler é difícil, requer conhecimentos prévios, além das condições materiais, é preciso espaço adequado e para o indivíduo que não tem essas condições materiais “[...] a vivência com material impresso e a realização de práticas de leitura sistemáticas ocorrem quase que exclusivamente no espaço escolar” (SANTOS, 2016, p. 48). Sendo assim, a escola, de acordo com Britto (2015a):

[...] tem de ser percebida e realizada como um espaço privilegiado de reflexão e organização de conhecimentos e aprendizagens, de aprofundamentos e sistematizações do conhecimento; e tem de ser o lugar do pensamento desimpedido, descontextualizado, livre das determinações e demandas imediatas da vida comezinha; o lugar, enfim, em que a pessoa, reconhecendo-se no mundo e olhando para o que a cerca, imagine o que está além do aqui e do agora (p. 35-36).

Diante disso, pensar em promover leitura, é pensar em um projeto político pedagógico que não se acomode com a ordem instaurada, mas que se rebele contra todas as formas de desigualdades. Assim sendo, promover os elementos culturais históricos que se expressam pela arte no interior da Amazônia, especificamente no Saracura, além de ser um direito, pode se aproximar da *formação omnilateral*⁶, que busque e possibilite criar condições para o posicionamento crítico e reflexivo diante da realidade e do mundo (SANTOS, 2016), ou ainda pelo simples fato de fruir e apreciar, de fabular, de imaginar viver outra dimensão da vida.

Saviani e Duarte (2010), analisando a formação humana por meio dos *Manuscritos econômico-filosóficos de 1844* (MARX, 1985), aludem que essa formação tem relação com a atividade vital da humanidade que se caracteriza pelo trabalho. Contudo, se torna impossível na atual conjuntura do sistema capitalista vigente por conta da alienação do trabalhador que ocorre quando este vende sua força de trabalho por um miserável salário que mal garante sua sobrevivência e não tem acesso os bens que produz.

Destarte, só por meio da educação e pela “[...] transformação da atividade em relação consciente com o mundo resultante da objetivação histórica e social do gênero humano [...]” (SAVIANI; DUARTE, 2010, p. 429), que a formação humana pode ocorrer, ou seja, o processo de constante apropriação, pelos trabalhadores, das produções históricas da humanidade que lhes aguçarão a consciência da necessidade de agir para dar seguimento ao processo histórico dando novos direcionamentos (SAVIANI, 2020).

Metodologia

O trabalho intitulado *Levar a ler em lugares distantes: os limites e as possibilidades de instituir uma biblioteca em uma comunidade quilombola* como mencionado anteriormente, é resultado do projeto de extensão *Levar a ler em lugares distantes: criação de uma biblioteca na comunidade Saracura* que desde 2018 vem sendo desenvolvido na Escola Nossa Senhora do Livramento, no quilombo Saracura. Tem como público alvo moradores, funcionários da escola mencionada, sobretudo, alunos e jovens do lugar. Um dos objetivos da pesquisa é a construção e manutenção de uma biblioteca, com atividades sistemáticas de leitura, por meio de uma ação articulada em conjunto com a pesquisadora (que por ser do lugar, faz parte do público alvo também) e os pesquisados. Para tanto, adotaremos como método de investigação a

⁶ Entendida como a que busca valorizar o ser humano em todos os seus aspectos e particularidades.

pesquisa-ação por ter um cunho formativo e emancipatório, a qual de acordo com Franco (2005) envolve:

Ação conjunta entre pesquisador e pesquisados; a organização de condições de autoformação e emancipação aos sujeitos da ação; a criação de compromissos com a formação e o desenvolvimento de procedimentos crítico-reflexivos sobre a realidade; o desenvolvimento de uma dinâmica coletiva que permita o estabelecimento de referências contínuas e evolutivas com o coletivo, no sentido de apreensão dos significados construídos e em construção; reflexões que atuem na perspectiva de superação das condições de opressão, alienação e de massacre da rotina; ressignificações coletivas das compreensões do grupo, articuladas com as condições sócio-históricas; o desenvolvimento cultural dos sujeitos da ação (FRANCO, 2005, p. 489).

Por esse motivo, essa metodologia também se constitui como a prática da ação pedagógica e para isto Franco (2005) lança mão de três dimensões: a ontológica que busca conhecer uma realidade com intuito de mudá-la, a epistemológica que não se neutraliza, mas se posiciona e intervém frente à realidade, aqui entraria em exercício a pesquisa e ao mesmo tempo a ação, em que o pesquisador não só descreve os resultados, mas pensa e age sobre eles. E por último a autora destaca a dimensão metodológica, que junto com a dimensão ontológica e epistemológica se articulam de forma a se ajustar constantemente de acordo com os acontecimentos do lugar pesquisado.

Ao longo do projeto surgiram muitas dificuldades, principalmente no lugar pesquisado que causaram mudanças no planejamento das ações. Daí a escolha pela metodologia de pesquisa-ação que, além de buscar essa ação conjunta com os moradores, se justifica por ser flexível (THIOLLENT; SILVA, 2007) e permite alterações conforme as demandas vão surgindo no decorrer da pesquisa, podendo as ações serem readequadas constantemente, de acordo com as espirais cíclicas: “planejamento; ação; reflexão; pesquisa; ressignificação; replanejamento [...]”, “vista como retomada em processo das ações, análises, reflexões, numa dinâmica sempre evolutiva” (FRANCO, 2005, p. 487-491).

Para esse processo, utilizou-se algumas estratégias e técnicas metodológicas de pesquisa como: diário de campo e reuniões para planejamento das intervenções com a comunidade, professores e orientador do projeto, além de registros por meio de fotografias. Das ações articuladas nesse período estão: classificação e organização de um espaço provisório de ler,

ação replanejada por conta da queda de um pavilhão da escola em 2019, desafio que se enfatiza a importância de usarmos a metodologia de pesquisa-ação. Desse replanejamento resultou um plano de intervenção construído com o corpo docente para o ano de 2020 e a ação de destaque foi a inauguração de um espaço para a biblioteca, entretanto, fomos limitados pela pandemia do Covid-19 de praticar as demais atividades de leitura que estavam planejadas.

Diante disso, cabe ressaltar que este trabalho foi e está sendo mediado por uma agente do lugar e que era intencional esta pesquisa ser desenvolvida no coletivo, foi até determinado momento, pois busquei parcerias na comunidade e funcionários da escola, sobretudo professores. Contudo, não obtive retorno da comunidade, talvez porque a maioria das ações partiu da pesquisadora e não dos comunitários, sobretudo a iniciativa de realizar o projeto, não foi uma necessidade vinda do lugar, mesmo a pesquisadora sendo de lá, a ideia não veio da maioria, mas vinha/vem sendo consultada e debatida em reuniões comunitárias. Mesmo assim as atividades não eram de conhecimento de toda a comunidade, quiçá porque elas centraram-se no ambiente escolar ou porque a pesquisa no coletivo é difícil.

Uma ressalva importante também, a construção do espaço da biblioteca ainda não foi materializada, mas as ações continuam, agora com atividades pensadas para este ano ainda e 2023. Todavia, se percebe alguns movimentos significativos em torno do levar a ler, pois, esta pesquisa agora está fazendo parte do Projeto Político Pedagógico da escola, o que podemos destacar, de antemão, como um resultado muito positivo e significativo e a análise mais profunda desse processo continuará na pós-graduação com o projeto *Leitura e formação: os desafios do “levar a ler” em uma escola quilombola “distante” dos centros urbanos*, que será desenvolvido no mesmo quilombo.

Resultados: Os limites e as possibilidades de promover leitura em uma comunidade quilombola

Como dito, as ações desta pesquisa iniciaram em 2018 com conversas com a comunidade e diretor da escola e buscou-se parcerias com os comunitários, sobretudo jovens do lugar, alunos e funcionários da escola Nossa Senhora do Livramento (imagem 1), mas não foram concretizadas. Em 2019 destaca-se como resultado do levar a ler a organização de um espaço muito improvisado de leitura, com aproximadamente 95 livros, alguns doados pela Imprensa Oficial do Estado (IOE) e os demais que haviam na escola (imagem 2).

Imagem 1: Antiga Escola Nossa Senhora do Livramento



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Imagem 2: Espaço improvisado de leitura



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Um dos pontos de destaques dessa organização foi uma movimentação de alguns professores em relação aos livros, através de uma atividade que expunha alguns títulos em uma mesa no corredor da escola (imagem 3).

Imagem 3: Exposição dos livros no corredor da escola feita pelos professores



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Esse fato foi muito importante para a pesquisa que, apesar de ter sido uma atitude um tanto acanhada, mostrava que os professores estavam dispostos a fazer mais, mesmo não tendo tempo para ler, estavam preocupados com a leitura dos alunos. Será que essas atitudes seriam constantes? Talvez, se não fossem limitados nesse período com a queda de um pavilhão da escola em abril de 2019 (imagem 4). O cronograma e as atividades foram repensados, de acordo com o método da pesquisa-ação. Os livros foram levados e organizados na casa dos professores, tendo em vista que as aulas foram paralisadas quase no final do bimestre daquele ano e não era possível transitar na escola.

Imagem 4: Uma parte do pavilhão da escola que caiu



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

A queda daquele pavilhão descortinou uma boa quantidade de livros novos de literatura que estavam encaixotados na secretaria, livros que poderiam estar sendo lidos pelos alunos, ao invés de estarem guardados. Para

que isso? Que sentido tem livros guardados em um ambiente escolar que diz que ler é importante?

Além do mais, os livros, ao invés de serem tomados como elementos culturais que precisam estar ao alcance de cada aluno, simplesmente são guardados em secretarias, uma realidade de quase todas as escolas da região, como observadas em outros trabalhos realizados nas escolas nos lugares distantes pelo Lelit.

De acordo com Vasconcelos (2018), além de encaixotar os livros, outras dificuldades surgem no processo de levar a ler no contexto escolar:

Na esteira do tempo, a leitura se constitui como um desafio no contexto escolar: alunos que não conseguem nem decodificar e que também não leem, livros encaixotados, espaço de leitura que pela organização mais parece um depósito, professores que isolada e unilateralmente desenvolvem suas atividades docentes mais preocupados com “os conteúdos dados, conteúdos cobrados”, concepções ingênuas de leitura que embasam práticas leitoras, enfim, uma gama de entraves, mas que se tornam, de certo modo, aceitáveis pelos sujeitos escolares. Sem questionar por que a escola não tem biblioteca, por que não tem um programa de leitura, por que não se ler na escola, apenas estamos compactuando com a sociedade que já apresenta as respostas prontas (p. 119).

Parece haver um entendimento nos lugares distantes de que disponibilizar os livros, principalmente, os de literatura aos alunos corre o risco de eles serem riscados e destruídos, então “guarda-los é melhor”.

Segundo Vasconcelos (2018), essa prática de deixar os livros guardados, é considerado como fetichismo. Para este autor:

O livro é sinônimo de intelectualidade. Nesse caso, a pessoa nem precisa ler, pois se seu interesse é se propagar como partícipe de um grupo (dos intelectuais), basta mostrar que é culta por meio de sua estante repleta de livros. Então ela se torna consumidora de uma mercadoria, compra inúmeras coleções e títulos que tem valor no mercado e enriquece o seu arsenal e, quando uma visita aparece em casa, exibe com orgulho as suas aquisições numa perspectiva em que a essência se perde na aparência (p. 110).

Todavia, não se reflete que encaixotar os livros pode também encaixotar as possibilidades de leitura dos alunos, de uma leitura que possibilite questionar a sua própria realidade: Por que uma escola cai? Por que não tem

biblioteca no quilombo? Por que uma comunidade que ao contrário de muitas que demandam dias para se chegar ao local, está tão distante da assistência do Estado?

As atividades do projeto foram retomadas em 2020 com a articulação e organização de um plano de intervenção *Literatura em movimento: circulando os livros em uma comunidade quilombola*, com estratégias de leitura para o ano todo. Algumas propostas de leitura foram pensadas pelos docentes, como: Roda de leitura, leitura de poema, de histórias em quadrinhos, de imagem, amostra literária, leitura de cordel e outras.

Das atividades realizadas por esse plano alcançamos alguns resultados como classificação juntamente com alguns comunitários de 250 livros de literatura, organização e constituição de uma biblioteca no barracão comunitário. Destaco que a pintura, as prateleiras, piso e a parte de papelarias da biblioteca foram custeados com recursos que conseguimos no edital de fomento à extensão universitária Nº 009/2018 da Pró-Reitoria da Cultura, Comunidade e Extensão – Procce/Ufopa.

Das atividades realizadas em 2020 no quilombo, percebi um número significativo de retirada de livros, a maioria ou praticamente todos os livros foram emprestados, especificamente pelos alunos. O que indica que estava havendo interesse pelos livros, pela leitura. Apesar disso, faltou organização e controle na retirada dos livros, nem todos os títulos foram registrados no caderno de registro, mesmo tendo duas pessoas responsáveis por esse trabalho.

O entendimento de que é necessário manter a organização do ambiente de leitura não poderá ser percebido logo, mas ao longo do processo, uma vez que a pesquisa está dando continuidade e reuniões com os comunitários serão realizadas com objetivo de reforçar a importância da leitura, de instituir e manter organizado um lugar para ler no quilombo.

É válido destacar que toda essa movimentação se sucedeu antes mesmo do dia que entregamos um espaço de leitura com acervo organizado para a escola e comunidade, que aconteceu em 20 de março de 2020, no início da pandemia do coronavírus (COVID-19).

No dia da inauguração estavam presentes lideranças, alunos e professores, que realizaram algumas apresentações com temáticas voltadas para a biblioteca e para o momento em que o mundo se encontrava, além de lerem na biblioteca, como se observa na imagem do dia da inauguração, a curiosidade dos alunos e como estavam concentrados na leitura (imagem 5).

Não tivemos presença de muitos moradores por conta do distanciamento social recomendado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e decretos municipais e estaduais que suspenderem as aulas na forma presencial por tempo indeterminado como forma de conter o avanço no contágio da Covid-19.

Embora o momento atípico, é essencial observar que não podíamos adiar essa atividade, dada a complexidade e dificuldade ao longo desse processo, como relatei anteriormente, também como estávamos no começo da pandemia, o vírus ainda não tinha adentrado o quilombo, por isso, ressalta-se o não adiamento da inauguração da biblioteca.

Imagem 5: Alunos lendo no dia da inauguração da adaptação do espaço de leitura



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Nota-se que os desafios de promover leitura nesses lugares distantes ultrapassam o ambiente escolar. O abandono do Estado é real e dificulta ainda mais este processo. Reflito que ter uma biblioteca na comunidade Saracura pode ser um passo para a efetivação de um direito previsto na Lei nº 12.224/2010, que dispõe sobre a universalização de bibliotecas escolares em instituições de ensino públicas e privadas.

Com a construção e inauguração da nova escola (imagem 6), está sendo possível repensarmos e replanejarmos as atividades, embora ainda estejamos em um momento atípico, de muitos retrocessos na educação e convivendo com as faltas, cujo o poder público pouco se importa: água encanada (potável), merenda de qualidade, moradia adequada, sinal de internet e outros.

Imagem 6: Escola Nossa Senhora do Livramento que foi (re) inaugurada recentemente



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Diante do exposto, reitero que as possibilidades de ler no Saracura são grandes, porém, os limites se sobrepõem sobre estas ações, a não adesão da comunidade aos projetos é um desafio que paira sobre as ações de levar a ler realizadas pelo Grupo de Pesquisa, Estudos e Intervenção em Leitura, Escrita e Literatura na Escola – Lelit/Ufopa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente intervenção, desenvolvida na Escola Nossa Senhora do Livramento, da comunidade quilombola Saracura buscou ser uma pesquisa-ação (FRANCO, 2005), articulada com o coletivo. Entretanto, ao longo desses anos de pesquisa no quilombo pode-se considerar que o trabalho foi complexo, principalmente, buscar desenvolvê-lo coletivamente. Não conseguimos realizar atividades de ler plenamente, entretanto, essas questões servem para refletirmos e fazermos autocrítica em alguns movimentos como comunitária-pesquisadora no/do lugar.

Desenvolver um projeto que busque promover a leitura como direito de todos e que recuse concepções ingênuas sobre o ato de ler também é difícil, porque esse entendimento está tão enraizado em nós que às vezes acabamos por reproduzir compreensões vagas sobre leitura.

É um processo difícil, há dificuldades de envolver a comunidade para assumir os projetos como seus, já que sempre olham como de outrem, segundo, falta bibliotecários e compromisso da comunidade escolar para com a permanência dos espaços de ler, terceiro, uma escola onde se organizou uma

possibilidade de fruição literária cai, afetando as práticas dos professores e parece que ninguém sentiu falta do lugar.

A demora de mais de ano para reerguer a Escola só mostra o desinteresse do governo em investir políticas públicas para construção de bibliotecas, sobretudo em lugares periféricos, de pobres, população negra e ribeirinhos.

No mais, verifica-se que as dificuldades de levar a ler ultrapassam a escola e a própria comunidade pesquisada, pois é um problema nacional histórico, tendo em vista que os indicadores atuais de leitura apresentados pela 5ª edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, demonstram preocupação com a realidade leitora dos brasileiros, haja vista que a grande perda de leitores nesses últimos anos e chamam a atenção do Estado para assumir compromissos com as políticas públicas de incentivo e acesso à leitura. Por isso, mesmo verificando a dificuldade de adesão da comunidade ao projeto, não a culpo pelas ações não terem resultado satisfatório, pois nós (me incluo porque sou do lugar) ainda somos vítimas de todo o processo histórico de negação de inúmeros direitos que talvez ainda não conheçamos metade deles.

Além do mais, há o desmonte educacional público, explicitamente evidenciado pelo governo anterior aliado a pandemia do coronavírus. Embora, tenhamos, como muitas perdas, passado esse momento, é necessário falar dos resquícios que ainda restam e que acabam refletindo no processo educacional, como os vários cortes de verbas para a educação, extinção de ministérios e programas de incentivo à cultura e à leitura, além da tentativa de privatização de setores públicos e os discursos de ódio que incitavam a violência, que foram impregnados em muitas pessoas, resultando assim nos diversos casos de ataques aos professores e às escolas do País.

Não obstante, mesmo com todos esses limites essa pesquisa não terminou com o relato de conclusão de curso da graduação, mas foi e é um embrião para um trabalho mais profundo, reflexivo, pois as ações de intervenção estão sendo repensadas, discutidas junto com o corpo docente da escola e já articulamos atividades para este ano.

Assim, este projeto não finaliza também porque não encontramos respostas para alguns questionamentos, tais como: Por que não conseguimos envolver a comunidade na pesquisa mediada por uma “filha do lugar”? Que rumos e quais efeitos o trabalho teria se não fosse a pandemia? Quais os livros e como foram/estão sendo utilizados nas aulas pelos professores?

REFERÊNCIAS

BRASIL, **Lei 12.244 de 24 de maio de 2010**. Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12244.htm. Acesso em: 8 jun. 2023.

BÉRTOLO, Constantino. **O banquete dos notáveis: sobre leitura e escrita**. Tradução Carolina Tarrío. 1. ed. – São Paulo: Livros da Matriz: 2014.

BRITTO, Luiz Percival Leme. **Contra o consenso: cultura escrita, educação e participação**. – Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.

BRITTO, Luiz Percival Leme. **No lugar da leitura – biblioteca e formação**. Rio de Janeiro: Edições Brasil Literário, 2015b.

BRITTO, Luiz Percival Leme. **Ao revés do avesso – Leitura e formação**. 1. Ed. – São Paulo: Pulo do Gato, 2015a. 144p.

CASTRILLÓN, Silvia. **O direito de ler e de escrever**. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2011.

CHAUÍ, Marilena. **Cultura e democracia**. -- 2 ed. -- Salvador: Secretaria de Cultura, Fundação Pedro Calmon, 2009.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Pedagogia da Pesquisa-Ação**. São Paulo, 2005. FUNES, Eurípedes A. **Bom Jardim, Murumurutuba, Tinigú, Ituqui, Saracura, Arapemã Terras de Afro-amazônidas**: “Nós já somos a reserva, somos os filhos deles”. São Paulo: CPISP, 2005.

GERALDI, João Wanderley. **Leitura: uma oferta de contrapalavras**. Educar, Curitiba, n. 20, p. 77-85. 2002. Editora UFPR.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da Leitura no Brasil**. 5ª ed. São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.prolivro.org.br/5a-edicao-de-retratos-da-leitura-no-brasil-2/a-pesquisa-5a-e-dicao/>. Acesso em 07 jul. 2023.

OLIVEIRA, Luanna Cardoso. **Leitura e formação: contribuições da biblioteca no Rio Arapiuns**. [Dissertação de Mestrado]. UFOPA, Santarém, PA, 2020.

SANTOS, Zair Henrique. **Entre o compromisso e a realidade: Relato e análise de uma ação de levar a ler no Oeste do Pará**. [Tese de Doutorado]. Faculdade de Educação - Unicamp. Campinas: São Paulo, 2016.

SAVIANI, Dermeval; DUARTE, Newton. A formação humana na perspectiva histórico-ontológica. **Revista Brasileira de Educação**. Editora Autores Associados, v.

15, n. 45, p. 422-433, set./ dez. 2010. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/30081>. Acesso em: 26 maio. 2023.

SAVIANI, Dermeval. A pedagogia histórico-crítica, as lutas de classe e a educação escolar. **Germinal: marxismo e educação em debate**, v. 5, n. 2. P. 25-46, 2013. Disponível em: <https://periódicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/9697>. Acesso em: 05 jun. 2023.

THIOLLENT, Michel; SILVA, Generosa de Oliveira. Metodologia de pesquisa-ação na área de gestão de problemas ambientais. **RECIIS – Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v.1, n.1, p. 93-100, jan./ jun. 2007. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/>. Acesso em: 12 maio. 2023.

VASCONCELOS, Raimundo Edivandro Alves. **Para além do espaço de leitura: criação e reflexão das possibilidades de ler literatura em uma escola rural do município de Monte Alegre**. [Dissertação de Mestrado]. UFOPA, Santarém, PA, 2018.

Submissão em 02 de julho de 2023.
Aceite em 21 de julho de 2023.



Esta obra está licenciada sob uma Licença
Creative Commons Atribuição 4.0
Internacional. Texto da Licença:
<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>